



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A consciência da fragilidade ou As ruínas misturadas de um mundo
Autor	AUGUSTO PATZLAFF DA SILVA
Orientador	CLAUDIA LUIZA CAIMI

Título: **A consciência da fragilidade ou As ruínas misturadas de um mundo**

Autor: Augusto Patzlaff da Silva

Orientadora: Dr^a Cláudia Luiza Caimi

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Como narrar as cinzas no país que carrega o fogo no nome? A gestação da pesquisa começa com o incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 2018, a subsequente fala da filósofa, pesquisadora e professora americana Susan Buck-Morss na PUCRS, a posterior remontagem de *O rei da vela* pelo Teatro Oficina em Porto Alegre e a inquietude e desconforto que tudo me provocou.

O presente do passado, ensaio apresentado por Buck-Morss, questiona o poder das instituições na interferência da consciência do presente. O material disponível à consulta em texto ou imagem pertence à lista de artefatos permitidos pelo poder. São assombrosamente arbitrários e vulneráveis a ataques. O poder estatal moderno institui as bibliotecas e arquivos como “guardiões da comunidade imaginada”, purifica a barbárie através da aura patriota advinda da religião, conspurca e destrói o passado (BUCK-MORSS, 2018). A instituição demanda, ainda que o explorado seja *útil* para o futuro da nação, que o conservado seja somente “nosso” e que estabeleça uma trajetória linear e contínua para imaginar “nosso” futuro.

O incêndio dos arquivos atinge o registro humano, mas também todas as contradições, complexidades e ambiguidades que ameaçam a sustentação do poder e o descrédito da crença oficial: auxilia o processo de incêndio toda heresia, blasfêmia, traição e descrença que sorratamente se encontram nos arquivos. Explodir o *continuum*, diz Benjamin, propõe a isso uma violência militante em “metáforas terroristas” para perturbar a instituição histórica dominante (ibid., 2018). A percepção de que a matriz temporal é temporária e transitória ocasiona a demanda duma “nova forma de exegese” que possibilite um resgate da memória distanciando-se das convenções oficiais fornecidas pelo poder dos guardiões nacionais, deseja uma forma que seja oposição à história de forma sequencial e distanciada, pois se “o ‘progresso’ dá lugar a um incessante amontoado de escombros, isso se deve à continuação do mesmo” (ibid., 2018).

Deste modo, o escrito de Susan Buck-Morss incita uma problemática que nos persegue há tempo e que demanda uma ação ante a força oculta que incendeia os ambientes. Vê que a constituição das cidades e a configuração dos espaços são predeterminados para o desaparecimento e indaga, ao longo do seu texto, quais formas poderiam ser usadas que recuperariam a experiência desse ser incendiado. Assim, o receio duvidoso em como prestar testemunho à verdade com artefatos transitórios elencado por Susan Buck-Morss encontra uma brecha para diálogo com o texto *A morta* de Oswald de Andrade, publicado em 1937: onde o método antropofágico perpassa o passado ressignificando a sua existência.

Portanto, em *A morta*, vê-se um discurso que, coadjuvante ao amor do Poeta com Beatriz, registra o descontentamento das amarras da sociedade com as tradições de hostilidade. Oswald ataca às instituições e os campos regrados da sociedade capitalista por engessarem o homem em amarras que não apenas prendem os braços, mas vendam os olhos, “Fechamo-los em regras indiscutíveis e fixas. Fazemos mesmo que estes que são a serenidade tomem o lugar daqueles que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os códigos...” (ANDRADE, 2005). Faz uso da pólvora, do fogo e da fogueira, dinamitando a tradição regrada e instituída no país da gramática ou em cemitérios mascarados por um aparente abandono. “Flamba tudo nas mãos heroicas do poeta” (ibid., 2005): os mortos presentes e incendiados do País da Anestesia pertencem ao hall da história: o Hierofante que prediz o futuro conservado e já elaborado; a Dama das Camélias que remete ao romantismo; a Senhora Ministra à justiça; o Radiopatrulha às máquinas; o Urubu de Edgard à morte; o Filho de Esmalte, o Pai e a Mãe ao patriarcado. Todos incendiados por estagnarem as interpretações.